



## TEM GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA SIM! EM FOCO AÇÕES DO PROJETO ESCOLA PROMOTORA DA IGUALDADE DE GÊNERO

Lara Torrada Pereira<sup>1</sup>  
Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>  
Juliana Lapa Rizza<sup>3</sup>

### Resumo

No ano de 2017 o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE da Universidade Federal do Rio Grande – FURG lançou o “Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero” que tem como objetivo apoiar professores/as da Educação Básica que tenham interesse em desenvolver ações para a promoção acerca da igualdade dos gêneros. Assim, com base nesse projeto, esse trabalho tem como objetivo analisar as ações desenvolvidas nas escolas que integraram o projeto. Desse modo, a partir dos relatos dessas professoras e do professor nos encontros com o GESE e através de um relatório entregue no final do projeto verificamos o desenvolvimento de diferentes atividades e a utilização de artefatos culturais que suscitaram o debate e possibilitaram um espaço de promoção e reflexão acerca da igualdade dos gêneros.

**Palavras-chave:** Gênero, igualdade de gênero, escola e professor/a.

### Introdução


Reconhecendo a escola como um espaço generificado e sexualizado, “atravessada pelas concepções de masculinidade e feminilidade, pelas formas de sexualidade de uma sociedade” (LOURO, 1998. p.88) o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE da Universidade Federal do Rio Grande – FURG lançou o “Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero”. Esse projeto foi destinado à formação continuada de professores/as da Educação Básica das redes municipal e estadual do Rio Grande/RS e teve como objetivo apoiar esses/as profissionais e escolas que tivessem interesse em desenvolver ações para a promoção e a reflexão acerca da igualdade e equidade dos gêneros com vistas à construção de estratégias que resultem na redução dos indicadores de desigualdades, ao mesmo tempo, em que busquem dar visibilidade ao tema.

<sup>1</sup>Mestranda em Educação em Ciências: Química da vida e saúde, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, lara.torrada@hotmail.com

<sup>2</sup>Professora Titular, Bolsista Produtividade CNPq 1 C, Universidade Federal do Rio Grande, pribeiro.furg@gmail.com

<sup>3</sup>Bolsista pós-doc no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e saúde; Universidade Federal do Rio Grande – FURG, ju\_rizza@yahoo.com.br





Desse modo, o Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero aconteceu ao longo do ano de 2017 após um processo seletivo realizado por meio de edital público e se desenvolveu contando com a participação de 20 instituições, sendo 31 professoras e 1 professor de diferentes modalidades de ensino– Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino.

No ano de 2018 essa iniciativa teve continuidade, com as professoras e o professor que já faziam parte do projeto e também com a abertura de um novo edital, em que mais professoras e professores foram selecionados para integrar assim a edição de 2018. Assim, a partir desse projeto, esse trabalho tem como objetivo analisar as ações desenvolvidas no âmbito do Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero durante o ano de 2017<sup>4</sup>.

### **Apresentando e analisando as ações**

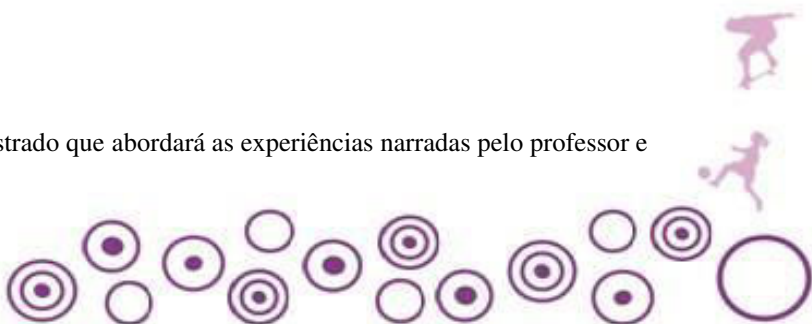
A fim de sistematizar as informações de todas as ações realizadas no projeto para posterior análise foi organizada uma tabela com as seguintes informações: modalidade de ensino em que atuam as professoras e o professor; com que público alvo as ações foram desenvolvidas nas escolas; foco de discussão acerca das questões de gênero; artefatos utilizados e estratégias de trabalho. Essa tabela foi produzida a partir dos relatos dessas professoras e do professor durante os encontros com o GESE, através de um relatório entregue pelas professoras e pelo professor no final do projeto e também através da exposição das ações por elas e por ele desenvolvidas na V Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero, organizada pelo GESE.


Para pensar nessas ações que as professoras e o professor estariam promovendo nas escolas é importante ressaltar que aconteciam encontros mensais no espaço da universidade e também nas escolas juntamente a equipe do GESE a fim de que tivessem subsídios acerca das questões de gênero para planejar as atividades e propostas que foram desenvolvidas ao longo do período letivo.

O público alvo de todas as professoras e do professor foram, especificamente, turmas de alunos/as com quem vinham trabalhando em suas disciplinas, contudo em algumas escolas foram desenvolvidas atividades com o grupo de professoras/es, direção da escola e também familiares e/ou responsáveis dos/as alunos/as. Essa escolha do público ficou a cargo de cada professor/a participante.

---

<sup>4</sup> Tal investigação compõe minha pesquisa de mestrado que abordará as experiências narradas pelo professor e pelas professoras participantes.






Três escolas executaram as ações com turmas de Educação Infantil, 6 trabalharam com os Anos Iniciais, 11 desenvolveram atividades nos Anos Finais, 3 com turmas do Ensino Médio e 1 na Educação de Jovens e Adultos – EJA com uma turma de Anos Finais do Ensino Fundamental.

Alguns/Algumas participantes do projeto repassaram o trabalho que seria desenvolvido para seus/suas colegas de escola, nas instituições que tiveram essa possibilidade, alguns membros do GESE fizeram uma fala em um encontro previamente marcado e em outras os/as próprios/as professores/as relataram como se sucederia o projeto. Com as famílias dos estudantes também não foram todas as escolas que realizaram reuniões anteriores a execução do projeto, dentre as que fizeram, a maioria consentiu o desenvolvimento das atividades. Entretanto, temos o relato da preocupação dos/as responsáveis em que não houvesse trabalhos sobre órgãos genitais, e em outra escola as professoras não tiveram autorização da gestão para dar continuidade as ações, com isso elas integraram o projeto enquanto um momento de formação continuada, mas não sistematizaram um trabalho ao longo do ano. Trago essas situações, pois me parece relevante pensarmos como as questões de gênero e sexualidade ainda não consideradas tabu e também a preocupação dos/as responsáveis em “tirar” a inocência das crianças e adolescentes no que tange as questões da sexualidade. Foucault (2017, p. 20) ao pensar sobre a história da sexualidade diz que “definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, religiões, se não de silêncio absoluto, pelo menos de tato e descrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais”.

Assim, em relação à escola alguns discursos são legitimados, como por exemplo, falar de aspectos relacionados aos cuidados com o corpo, a genitalidade, as Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST, entre outros aspectos. Além disso, alguns sujeitos estão autorizados a falar sobre essas questões.

Entretanto, é importante destacar que pensar as questões de gênero e de sexualidade vai muito além do biológico. Segundo Souza (2013, p. 16) “veremos que o corpo é mais do que “pura” biologia como usualmente pensamos, particularmente quando falamos dele nas aulas relacionadas ao ensino de ciências”, desse modo, entender gênero e sexualidade interligados a esses corpos permite que essas questões atravessem outros campos do conhecimento. Nesse sentido, podemos perceber que houve uma diversidade de áreas em que as professoras e o professor trabalhavam e que desenvolveram as ações, sendo elas língua



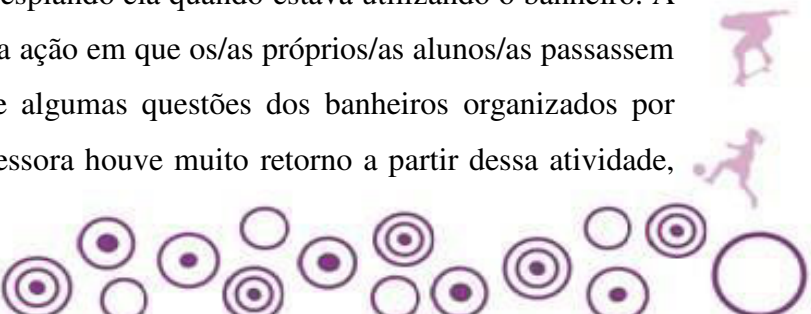



portuguesa, língua espanhola, história, geografia, artes, educação física, ensino religioso e ciências.

Ainda que gênero fosse a temática central do projeto demais assuntos que fossem de interesse das professoras, do professor e do público com quem fariam as ações, integraram de forma transversal os trabalhos, desse modo foram variadas as temáticas escolhidas. Igualdade de gênero, perpassando pelas profissões, cores, roupas, brinquedos, foi um ponto com bastante destaque entre as ações, tendo em vista a “multiplicidade de construções do ser masculino e do ser feminino, pois diversificados modelos, ideais, padrões e imagens, de diferentes contextos configuram o processo de formação do ser homem e do ser mulher” (RIBEIRO, 2013, p. 26). Violências no namoro, contra mulher e sexual também tiveram relevância na hora de pensar estratégias para debate, outros temas como corpos, sexualidades, transexualidade, o uso dos banheiros, gravidez na adolescência, diferentes configurações familiares, relações étnico raciais, feminismo, mulheres nas ciências, anticoncepção e prevenção sexual, *sexting*, esporte, entre outros configuraram o leque de assuntos propostos para pensar e se discutir as questões de gênero através das ações propostas pelas professoras e pelo professor.

Para pensar na discussão dessas temáticas no espaço escolar é importante apresentar, mesmo que brevemente, como surgiu a demanda para tecer as discussões. Assim sendo, alguns trabalhos tiveram início a partir do gancho com a matéria que vinha sendo trabalhada, em uma escola, por exemplo, o professor aproveitou de suas aulas sobre a revolução industrial para abordar como vem se construindo o espaço e a luta das mulheres no mercado de trabalho, e para suscitar o debate utilizou do filme “As sufragistas”. Outro modo de pensar as temáticas que estariam relacionadas as questões de gênero foi a partir da apresentação do projeto para a turma e então eles/as sugeriram o que era de maior interesse. Em uma escola, por exemplo, apareceu a demanda pela violência contra a mulher e maiores informações sobre IST.

Em outros casos foram situações que ocorreram no espaço escolar que desencadearam as ações do projeto, segundo Louro (2008, p. 63) “os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer escolar”. Em uma escola de Educação Infantil, as discussões foram sendo promovidas e sistematizadas a partir da reclamação de uma menina que o seu coleguinha estava espiando ela quando estava utilizando o banheiro. A professora decidiu então por executar uma ação em que os/as próprios/as alunos/as passassem nas outras salas da escola falando sobre algumas questões dos banheiros organizados por turma e não por gênero. Segundo a professora houve muito retorno a partir dessa atividade,



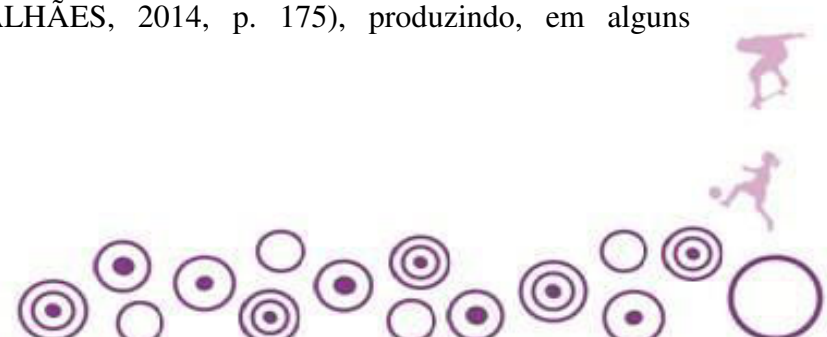


principalmente por parte dos/as alunos/as que foram membros da ação, sendo assim podemos perceber que quando se possibilita que eles/elas sejam ativos no processo sentem-se responsáveis em fazer com que as mudanças aconteçam.


A escola então passa a ser um espaço pedagógico que ensina para além do conteúdo didático, mas se depara com situações de convívio, relações, identidades. Entretanto, segundo Magalhães e Ribeiro (2008) não é só o espaço da escola que se denota como pedagógico, livros, revistas, programas de TV, propagandas, músicas, entres outros, “têm funcionado como pedagogias culturais que ensinam modos de ser e de estar na sociedade, interpelando os sujeitos (re)afirmando práticas e identidades hegemônicas” (p. 1). Desta forma, usufruir de artefatos que ensinam e produzem os sujeitos foi um recurso utilizado pelas professoras e pelo professor para compor e enriquecer os debates. A escola já mencionada de Educação Infantil utilizou o livro “Pipo e Fifi” de Caroline Arcari, para fazer a contação da história e provocar o alerta sobre o cuidado com o corpo. Outro artefato foram os videoclipes de músicas que suscitaram a discussão sobre a objetificação do corpo da mulher ou provocações em relação a letras de músicas com conteúdo machista, e, também, que trazem a possibilidade de desconstrução de alguns padrões sociais como “Brinquedo de menina” da Mc Sofia.

Duas escolas produziram bonecos de tecido, que iam para a casa um dia com cada aluno/a para que cuidassem e registrassem em um diário juntamente com as famílias essa experiência, nesse sentido a produção e uso de diferentes artefatos, como o boneco, possibilita problematizar as diferentes representações e significados atribuídos ao corpo que circulam em nossa sociedade. (MAGALHÃES, 2014). Além disso, foram utilizados alguns livros, como por exemplo, “O menino que ganhou uma boneca”; “Nilo – menino não chora”; “O livro da família”; “Histórias de Maria”; “TEEncontrei: onde a gurizada se encontra”; “A bolsa amarela” de Ligia Bojunga; entre outros que possibilitaram a desconstrução de alguns sentidos e significados atrelados aos gêneros.

Filmes como “Enrolados”; “Malala”; “Milk - A voz da igualdade”, vídeos que tem circulado pelas redes sociais e também algumas propagandas fizeram parte das estratégias utilizadas para a discussão das questões de gênero. Assim, ao usarem esses materiais, as professoras e o professor proporcionaram o movimento de pensar essas pedagogias culturais que “não são apenas artefatos de informação ou entretenimento, mas formas de conhecimento que interpelam os sujeitos” (MAGALHÃES, 2014, p. 175), produzindo, em alguns momentos, desigualdades.







Sendo assim, por meio dessas ações, as professoras e o professor possibilitaram que as questões de gênero e outras temáticas adentrassem no espaço escolar proporcionando um espaço de promoção e reflexão acerca da igualdade e equidade dos gêneros.

### Considerações finais

O Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero possibilitou nas escolas que participaram, da edição de 2017, alguns movimentos significativos no espaço escolar, ou seja, desestabilizou algumas “verdades” construídas sobre os gêneros e as sexualidades, problematizando que existem múltiplas formas de ser e estar no mundo; incentivou práticas pedagógicas que visavam ressaltar a diversidade sexual e de gênero e desestabilizou algumas fronteiras instituídas e discursos naturalizados – a masculinidade, a heterossexualidade, a heteronormatividade, a criança inocente e assexuada, o/a adolescente com a sexualidade aflorada, a família nuclear, entre tantos outros presentes na sociedade.

Em tempos de “ideologia de gênero” e “escola sem partido” levar para o espaço escolar discussões que envolvam as temáticas de gênero e sexualidade “é um ato de revolta e resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência as políticas impostas” (GALLO, 2002, p. 173) é o que Silvio Gallo explica a cerca de uma educação menor como prática de resistência, de acreditar no mundo e na escola, apostando na possibilidade de suscitar acontecimentos, trazendo para o espaço da escola o que está sendo vivido pelos/as estudantes.

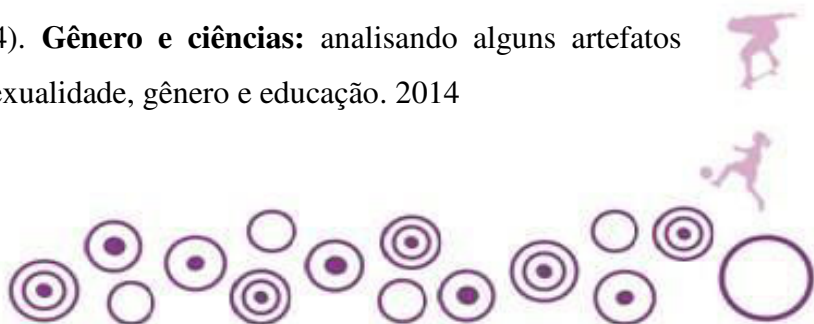
Desta forma, apresentar este trabalho de análise dessas ações é promover que esses movimentos de resistência, que prezam pela multiplicidade de ser e estar na sociedade sejam visibilizados e ampliados, para que outros espaços e possibilidades possam emergir. O projeto segue em 2018, com a permanência de 14 escolas do ano anterior e a participação de outras 4 novas instituições, assim outros movimentos e resistência vão surgir.

### Referências

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4ª Ed. Rio de Janeiro / São Paula, Paz e Terra, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2014.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes (2014). **Gênero e ciências: analisando alguns artefatos culturais**. Revista Suplemento Exedra: Sexualidade, gênero e educação. 2014





MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa (2008). **Meninos têm mais neurônios que as meninas?** Discutindo pedagogias culturais e representações de gênero. VII seminário de pesquisa em educação Pesquisa em educação inserção social. 2008.

MEYER, Dagmar Estermann (Org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Editora Mediação. 1998. 176p.

RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.) **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. Caderno pedagógico anos finais. Rio Grande: Editora da FURG. 2013.

RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.) **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. Caderno pedagógico anos iniciais. Rio Grande: Editora da FURG. 2013.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

